

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1979

JOSÉ O. DA SILVA CAEIRO

Técnico destacado na Direcção-Geral do Património Cultural

O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO DA HERDADE DO REGUENGO (VAIAMONTE). I. MATERIAIS DISPERSOS

Conimbriga, 18 (1979), 113-120

RESUMO: NO Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) guardam-se algumas peças provenientes da Herdade do Reguengo (Vaiamonte). Foram provavelmente encontradas em sepulturas, mas não há quaisquer indicações que permitam estabelecer as associações. Por isso se publicam como materiais avulsos. São 16 peças de sigillata hispânica, duas delas marcadas, 9 de cerâmica comum, 1 lucerna e 1 vidro.

SUMMARY: Some ceramic and glass finds from the Herdade do Reguengo (Vaiamonte), now in the National Archaeological Museum (Lisbon), may have been found in the local Roman necropolis. The excavation was poorly recorded, and never published by the excavator. The present author thus thought it preferable to publish these pieces as stray finds. There are 16 vases of hispanic terra sigillata (2 of them stamped), 9 pieces of coarse ware, 1 lamp and 1 glass vessel.

(Página deixada propositadamente em branco)

O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO DA HERDADE DO REGUENGO (VAIAMONTE)

I

MATERIAIS DISPERSOS

Nas breves considerações introdutórias deste trabalho não temos a intenção de repetir as circunstâncias fortuitas que envolveram os materiais da Herdade do Reguengo, mandados recolher pelo falecido Prof. Manuel Heleno O). Entendemos, apesar de tudo, insistir na urgência de dar a conhecer as peças de tão rica estação arqueológica, hoje nas «reservas» do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Se é verdade que nenhuma conclusão podemos tirar das sondagens aí efectuadas, não é menor a nossa convicção de que a qualidade e estado de conservação das peças que apresentamos nos leva a pensar que, se não todas, grande número delas foram exumadas de sepulturas. Infelizmente, apenas chegaram até nós com a indicação: «Herdade do Reguengo, Vaiamonte».

Poderíamos ainda, no campo da cerâmica comum, buscar paralelos noutros exemplares de variadas proveniências ⁽²⁾. Seria um complemento útil a empregar num campo aliciante que oferece amplas perspectivas de investigação. Obrigaria, no entanto, tal ^(*)

(*) José O. da Silva CAEIRO, *Quatro Peças Inéditas de Sigillata Hispânica*, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 139.

(²) *Id.*, *O Espólio da Herdade do Reguengo — III — Sepulturas* 4, 5, 6 e 7, «O Arqueólogo Português», S. III, vol. VII a IX, 1974-1977, p. 227-241.

tarefa a alongar demasiado o espaço do nosso trabalho e acarretaria até uma certa repetição, na maioria dos casos. Reservamos pois esse esforço para os estudos que temos no prelo, sobre a necrópole da mesma estação arqueológica.

«Sigillata» hispânica

1. Fundo marcado PETEROOFI. Trata-se de uma marca bem conhecida, ligada às formas 27, 15/17 e 18/31 ⁽⁸⁾. (Fot. 1).
2. Prato de forma Drag. 15/17. «Verniz» escuro, aderente. A parede apresenta duas caneluras largas na junção com o fundo. Fundo externo com moldura. Marca ilegível devido a mau estado de conservação. Diâm. do bordo: 197 mm; altura: 49 mm.
3. *Id.* «Verniz» alaranjado, homogéneo, fino e de boa qualidade. Fundo externo moldurado, com o grafito PR. Pé bem perfilado. Marca praticamente desaparecida. Diâm. do bordo: 165 mm; altura: 46 mm.
4. Taça da forma Drag. 27. Fragmentada e incompleta. Tem «verniz» espesso, de tonalidade escura, muito deteriorado. O pé é alto e de perfil arredondado. Diâm. do bordo: 139 mm; altura: 58 mm.
5. *Id.* Não existe cerca de metade da parte superior da parede. A pasta é fina, rosada. O «verniz» é espesso e aderente, de boa qualidade, claro. Pé bem perfilado, alto, com mamilo central. O bordo é antecedido por uma fina canelura. Diâm. do bordo: 121 mm; altura: 63 mm.
6. *Id.* «Verniz» alaranjado, fino, pouco aderente e baço, apresentando-se manchado. A pasta é muito porosa e na superfície externa são visíveis estrias. Diâm. do bordo: 80 mm; altura: 40 mm.
7. *Id.* «Verniz» alaranjado, fino e de boa qualidade. A pasta é um tanto porosa. O pé é alto, bem perfilado, com mamilo central. Possuía marca mas está deteriorada. Diâm. do bordo: 84 mm; altura: 40 mm.
8. *Id.* O «verniz» é brilhante, fino e pouco aderente, de tonalidade escura. G pé é alto, aberto. Possuía marca que está ilegível. Diâm. do bordo: 119 mm; altura: 60 mm.

⁽⁸⁾ A. BALIL, *Materiales para un índice de marcas de ceramista en Terra Sigillata Hispanica*, «Archivo Español de Arqueología», XXXVIII, 1961, p. 147. Encontramos ainda referências a esta marca em: BOUBE, *La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane*, I, 1965, p. 180; F. NUNES RIBEIRO, *Terra Sigillata encontrada ñas Represas. Marcas de Oleiro*, «Arquivo de Beja», XV, 1959, n.º 47-48; A. ALARCÃO, *Terra Sigillata do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa*, «Conimbriga», I; M. MESOURIZ, *Terra Sigillata Hispanica*, T. I, p. 48. Dada a dificuldade encontrada na leitura da marca, que se encontrava muito gasta, foi a mesma fotografada na escala 6:1; a escala da gravura é de 3:1.

9. Fundo de uma taça com «verniz» fino e aderente, de tonalidade clara. O pé é alto e aberto. No centro apresenta a marca PATER.ALE, em cartela rectangular inscrita num círculo. Trata-se de uma marca conhecida, ligada às formas 15/17, 35, 46 e Ludowici Tb ⁽⁴⁾.
10. Taça da forma Drag. 35. O «verniz» é muito brilhante, de tonalidade acastanhada e encontra-se deteriorado. O pé é baixo, arredondado, com mamilo central. Possuía marca mas está ilegível. Diâm. do bordo: 94 mm; altura: 40 mm.
11. *Id.* «Verniz» brilhante, de boa qualidade, e escuro. O bordo está decorado por duas «folhas de água». A peça está fragmentada e incompleta tal como a precedente. Diâm. do bordo: 90 mm; altura: 32 mm.
12. *Id.* «Verniz» brilhante, aderente, de tonalidade escura. O bordo está decorado com duas «folhas de água». O pé é alto, com degrau. No fundo externo apresenta o grafito: A. Diâm. do bordo: 94 mm; altura 40 mm.
13. Prato da forma Drag. 36. O «verniz» é fino e pouco aderente, de tonalidade clara, com pouco brilho. Tem por característica principal um pé muito largo e mal perfilado, com três largas molduras no fundo externo. Está fragmentado e incompleto. Diâm. do bordo: 173 mm; altura: 36 mm.
14. *Id.* O «verniz» é de tom alaranjado, brilhante e fino, sendo pouco aderente. Pé bem perfilado, de moldura hispânica. Está decorado no bordo com três «folhas de água». Diâm. do bordo: 176 mm; altura: 34 mm.

⁽⁴⁾ Sobre esta marca, MESQUIRIZ, *op. cit.*, p. 47-48, apresenta: PATEALE, de Mérida; PATEAL, de Itálica e de proveniência ignorada; PATERALE, na colecção universitária de Sevilha; BALIL, *op. cit.*, nota 2, citando Mesquiriz e Frothingham: OF.PA.TE, de Córdoba (MESQUIRIZ, *T. S. II*. 47); PATEALE, de Itálica, (MESQUIRIZ, *id.* e FROTHINGHAM, 42, n.º 301), corrigido; PATERALE, de Itálica (MESQUIRIZ, *id.*). Não citamos as outras versões de FROTHINGHAM por as considerarmos duvidosas na leitura.

Em apêndice, na mesma obra (p. 166), BALIL cita ainda: OF PAT (ou OF PATE), de Lixus (BOUBE, *o. c.* 176); OF.PA.TE, de Volubilis (BOUBE, *o. c.* 177); OF PA II, de Volubilis (BOUBE, *o. c.* 177; há quem leia OF.PA.TE.).

F. Mayet apresenta duas marcas de Conimbriga: PA.TER.A[LE] e PA[TE]RALE (*Marques de Potiers sur Sigillée Hispanique à Conimbriga*, «Conimbriga», XII, 1973, p. 44-46). Refere ainda esta autora que em Portugal esta marca aparece em: Reguengos, Torre de Palma e Vaiamonte, citando Seomara V. FERREIRA (*Marcas de Oleiro em Territorio Português*, «O Arqueólogo Português», S. III, 1969, p. 164 e 172). Desconhecemos, porém, tal como no caso da marca PETEROOFI, se esta autora se refere à Herdade do Reguengo. Importa finalmente assinalar que F. Mayet pensa tratar-se da associação de dois oleiros, em que o primeiro se chamaria Paternus. Tal hipótese parece-nos bastante verosímil, sendo até reforçada pela marca que agora apresentamos.

15. Pequena taça de «verniz» de tonalidade clara, fino e pouco aderente. Morfologicamente aproxima-se da forma Drag. 46. Não a consideramos por tal motivo uma variante, mas antes uma miniatura, produto ocasional mas intencional do oleiro. Diâm. do bordo: 81 mm; altura: 23 mm.

Cerâmica Comum

16. Malga de pasta grosseira, com impurezas de calcite. Bordo simples, ligeiramente plano. Pé alto, inclinado. Fundo externo levemente arqueado. Junto ao bordo, a pasta, que é cinzento escura, apresenta vestígios de fogo. Diâm. do bordo: 151 mm; altura: 59 mm.
17. *Id.* Pasta grosseira, castanho-clara, com impurezas de calcite e quartzo, alisada com trapo. Bordo simples; pé baixo, levemente arredondado. O fundo externo apresenta duas caneluras concêntricas e internamente é um pouco levantado. De notar a grande espessura do fundo em relação com as paredes. Diâm. do bordo: 162 mm; altura: 55 mm.
18. *Id.* Pasta grosseira, com impurezas de calcite e mica dourada, alisada. O bordo é simples e o pé baixo e aberto. O fundo externo é côncavo. Diâm. do bordo: 171 mm; altura: 62 mm.
19. Prato de pasta muito grosseira, com moldagem descuidada. Tonalidade castanho-escuro. O bordo é reentrante e o fundo arqueado em ambas as faces. Está fragmentado e incompleto. Diâm. do bordo: 168 mm; altura: 37 mm.
20. Recipiente de pasta fina, coi de tijolo, com impurezas de quartzo. Bordo em amêndoa, engrossando para o interior. Perfil oval. Fundo muito espesso, evidenciando, tal como a superfície interna da peça, estrias de moldagem. A superfície externa apresenta-se muito queimada. Diâm. do bordo: 98 mm; altura: 112 mm; diâm. máximo do bojo: 108 mm.
21. Recipiente de pasta castanho-escuro, com areias. Bordo saliente, curvado. O fundo externo é ligeiramente côncavo e a face interna apresenta mamilo central. São visíveis vestígios de fogo na face externa. Diâm. do bordo: 89 mm; altura: 92 mm; diâm. máximo do bojo: 114 mm.
22. Recipiente de pasta cor de tijolo, com impurezas de calcite. O bordo é simples e fino, com boca aberta e alta. Fundo externo côncavo. Pé baixo e arredondado. Bojo oval, com larga canelura na zona central. Duas asas de fita com canelura central, longitudinal. Diâm. do bordo: 79 mm; altura: 76 mm; diâm. máximo do bojo: 92 mm.
23. Recipiente de pasta castanho-acinzentada, mal depurada, com impurezas de calcite e quartzo. Bordo alto, alargado e engrossado. Pé muito baixo e fino. Fundo externo com canelura concêntrica. Parede ligeiramente carenada. Ao nível da carena inserem-se duas asas, de fita, com canelura longitudinal; logo acima, uma larga canelura e a delimitar o bordo, uma moldura. Diâm. do bordo: 108 mm; altura: 96 mm; diâm. máximo do

do bojo: 115 mm. É notável a semelhança da forma das duas últimas peças com a de Torres Novas publicada por A. e J. Alarcão (5).

24. Bilha de pasta castanho-clara, amarelada, com inúmeras impurezas quartzíticas. Pequeno gargalo terminado em lábio aberto. Bojo ovoide. Pé muito baixo e fundo liso. Apresenta uma asa pouco espessa mas larga, decorada por uma fina canelura longitudinal; a moldagem da parte superior da asa foi excepcionalmente cuidada. Diâm. do bordo: 44 mm; altura: 142 mm; diâm. máximo do bojo: 132 mm.

Lucerna

25. Peça intacta. Pasta acinzentada, medianamente dura, com grãos de quartzo, mica, calcite e hematite. Apresenta vestígios de engobe castanho alaranjado.

Orla levemente oblíqua, e lisa, separada do disco por duas molduras. Disco côncavo, decorado com uma Vitória alada, de perfil, voltada à esquerda, segurando na mão direita um escudo. Bico alongado, enquadado por volutas duplas. Orifício de alimentação deslocado para a direita. Base plana e alteada, marcada por uma *planta pedis* dupla. Altura: 26 mm; comprimento: 100 mm; diâmetro: 70 mm. Tipologia: Dressel-Lamboglia, 11B (6). Fot. 2 e 3.

Vidro

26. Jarro intacto de vidro transparente, verde-gelo, com algumas bolhas de ar. Bojo esférico, fundo côncavo. A boca é trilobada e o bordo espessado. Asa com duas orelhas repuxadas e apoio para o polegar; a base é também espessada e aberta em pétala. O bojo está decorado com duas séries de três finas canelurias, paralelas. Altura: 110 mm; diâm. máximo do bojo: 89 mm; espessura média do vidro: 1,5 mm.

Em território português, esta peça encontra paralelo num jarro que se encontra no Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa⁷⁾

(5) A. e J. ALARCÃO, *Achados na Vila Romana de Cardillo*, «Arquivo de Beja», vol. XXIII-XXIV, p. 307; est. IV, n.º 8.

(6) DENEAUVE, *Lampes de Carthage*, 1969, p. 128 — Est. XLVI, 419; PONSICH, *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*, 1961, p. 83 — Est. VII, 60; MENZEL, *Antike Lampen im Romisch-Germanischen Zentralmuseum zu Mainz*, 1969, p. 41 — Est. 33, 4. Esta lucerna possui o n.º de inventário: H.R.-I-E. Agradeço a Di.ª Maria Elisabeth Figueiredo Neves Cabial o precioso auxílio na classificação desta peça, bem como à Dr.ª Maria Luisa Abreu Nunes que desenhou as peças n.ºs 25 e 26.

(7) J. e ADÍLIA ALARCÃO, *Vidros Romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», VI, 1967, n.º 27.

e num outro exemplar, proveniente de Aramenha, actualmente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e que faz parte da colecção Eusébio Maçãs⁽⁸⁾, ambos publicados por A. e J. Alarcão.

O jarro que se encontra em Vila Viçosa provém da sepultura n.º 18 da necrópole dos Serrones⁽⁹⁾, à qual Isings se refere, ao descrever a sua forma 88b. A cronologia é imprecisa ; para aquela autora tratar-se-á de uma peça de meados do séc. II ou dos primeiros anos do séc. m. J. Alarcão, ao publicá-la, manifestou, muito justamente, (tal como no outro exemplar de Aramenha), certas reservas quanto à datação.

Os outros exemplares conhecidos também não são datáveis com precisão; um é do cemitério de Ospringe (Inglaterra) e o outro de Chipre⁽¹⁰⁾. Em nossa opinião, com todas as reservas que só podem desvanecer com novos achados de cronologia mais precisa, pensamos poder atribuir esta peça à 2.ª metade do séc. i, considerando-a integrada na média cronológica do restante material recolhido na estação arqueológica da Herdade do Reguengo.

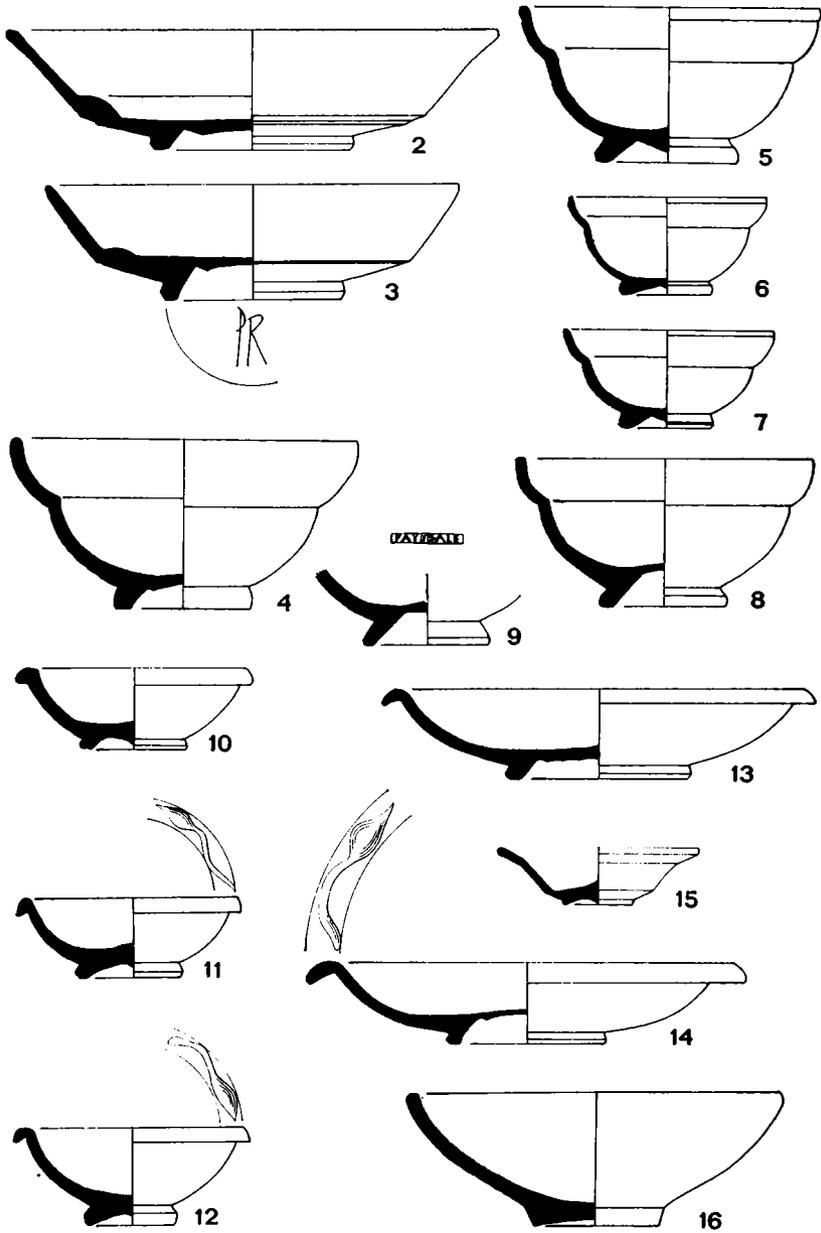
JOSÉ O. DA SILVA CAEIRO

⁽⁸⁾ J. ALARCÃO, *Vidros Romanos de Aramenha e Mértola*, «O Arqueólogo Português», S. III, vol. V, n.º 13.

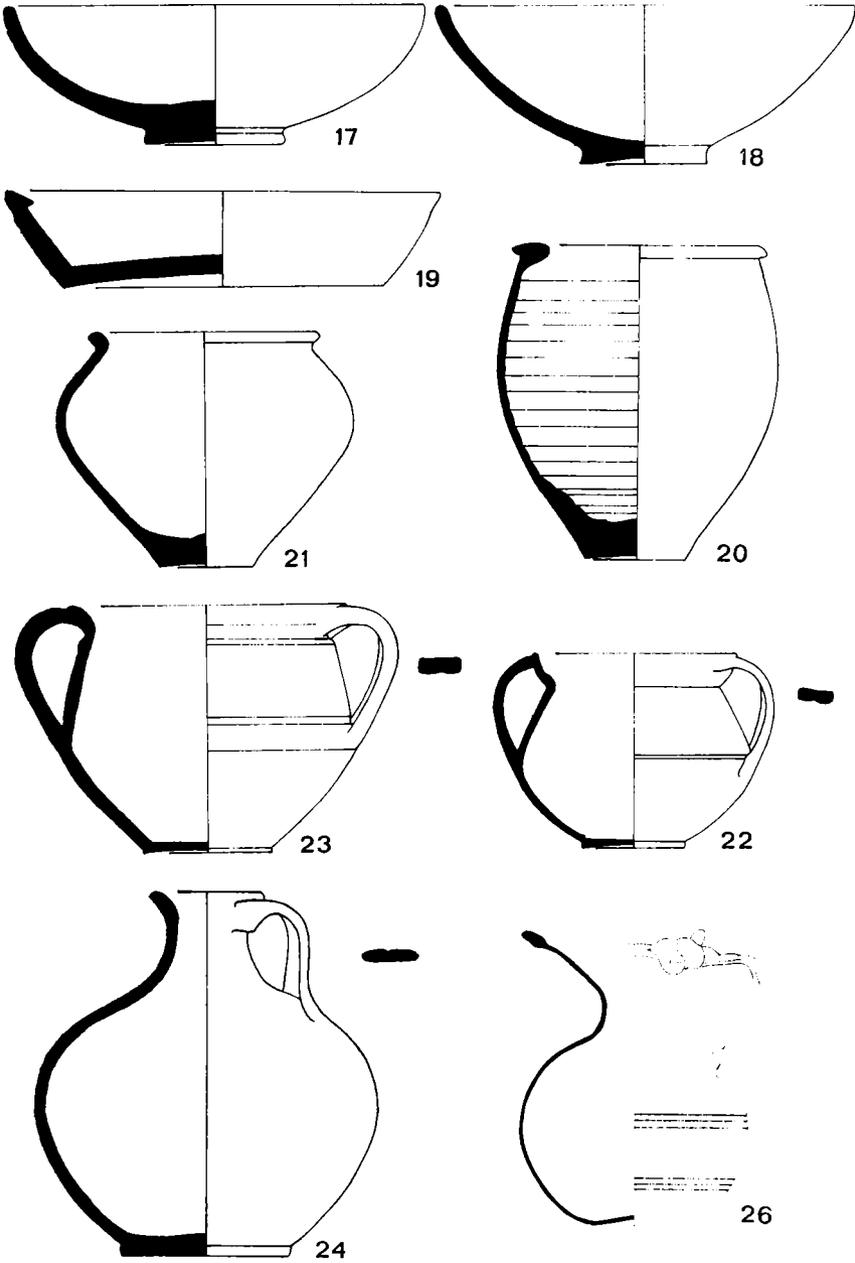
⁽⁹⁾ A. VIANA e A. DIAS DE DEUS, *Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Eivas, Portugal*, «Archivo Español de Arqueología», 1955; A. VIANA, *Notas de arqueologia alto-alentej ana. Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila. Viçosa*, «A Cidade de Évora», 1955; *Id.*, *Vidros Romanos em Portugal. Rreves Notas*, «Tiabalhos de Antropologia e Etnologia», XVIII, 1960-61.

⁽¹⁰⁾ WHITING, *Report on the excavation of the Roman cemetery at Ospringe, Kent*, Oxford, 1931, n.º 154.

⁽¹¹⁾ O. VESSBERG, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, part 3: the Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956, fig. 46, 13.



EST. II



Esc. 1:3



1



25

